

# Agricultura pode ser salvação da economia gaúcha em 2009

A agricultura deverá ser a salvação da economia gaúcha em 2009. A projeção feita pelo presidente da Farsul, Carlos Sperotto, foi defendida até mesmo pelo presidente da Fiergs, Paulo Tigre. Em entrevista coletiva no dia 10 de dezembro, Sperotto defendeu otimismo com cautela para o setor no novo ano. Na ocasião, fez balanço dos últimos 12 meses e traçou projeções para 2009, que se apresenta para os produtores rurais como um momento de prudência. Foi evidenciado que, mesmo com colheita menor em 2007/08, o agronegócio mantém-se como responsável pelo saldo da balança comercial. Até outubro de 2008, o saldo geral era de R\$ 20,8 bilhões, enquanto do agronegócio é de R\$ 49,9 bilhões. "Ou seja, agronegócio empresta dinheiro das exportações para que as contas se mantenham estáveis", destacou Sperotto.

Um dos principais temas tratados na ocasião foi o plano de armazenagem que a Farsul vai propor aos agricultores gaúchos. Conforme Sperotto, a idéia é que os produtores reúnam-se em grupos de cinco a dez para viabilizar a construção de unidades. A armazenagem na propriedade, segundo o dirigente, demanda uma dimensão de exploração inexistente no Rio Grande do Sul. Com isso, terminaria o problema de alto custo, quebra e retirada de produto de pior qualidade que acontece em armazéns comuns, viabilizando aumento na renda. "A unidade contrata os operadores e tem condição de ser pólo de resguardo de ganhos desde a colheita até a comercialização", destacou. O BNDES já dispõe de linha de crédito para financiar os investimentos. Confira a seguir os principais pontos da entrevista coletiva.

## Como foi 2008 para o agronegócio gaúcho?

O ano de 2008 foi bom. Independentemente de termos recuado no volume de produção em relação a 2007, estivemos em patamares consideráveis e vencemos as etapas que se apresentaram à nossa frente. Foi um bom ano, embora a produção tenha ficado aquém de 2007. Caiu 5,6%, mas estamos dentro dos patamares de produção.

## Algumas áreas tiveram destaque em 2008, como meio ambiente. Como a Farsul vê esse tema?

A agricultura é uma empresa a céu aberto e enfrentamos adversidades de toda ordem. Nos



**All COMP**  
Equipamentos de Precisão

Mapeamento e cálculo de área com GPS

Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS  
vendas@allicompgps.com.br  
www.allicompgps.com.br



Entrevista coletiva foi concedida no dia 10 de dezembro

decreto 6.514, que traz desconforto total ao setor. Fizemos 26 palestras desde agosto no interior. A população vai se dando conta dos malefícios desse decreto. A economia do Rio Grande do Sul vai acumular prejuízo de R\$ 14 bilhões. É necessário fazer revisão no código ambiental para que possamos ter adequações à realidade.

## O governo tem a intenção de publicar novos índices de produtividade. Qual é a posição da Farsul sobre a proposta?

Aqui no RG o direito de propriedade é mantido, graças a uma posição da governadora Yeda [Crusius]. Há procedimentos para buscar desestabilizar a produção. O procedimento do Inkra é adquirir áreas, e lastimamos muito a forma como está sendo feito. Quis o infortúnio que, no estado vizinho, agricultores fossem aliados de produzir pela intempérie. A Farsul

propõe ao governo federal que a estes agricultores aptos, qualificados, seja dada a prioridade de assentamento nas áreas recentemente adquiridas pelo governo federal em São Gabriel e Alegrete. Estaríamos atendendo gaúchos e brasileiros aliados da propriedade e assentá-los em programa onde teríamos condições de ver a diferença entre assentamento de pessoas identificadas com o campo e aquelas outras que aí estão no aguardo da clássica lista do Inkra. Por que não resolver dois assuntos e tirar modelo diferente de assentamento? Para produzirmos 143 milhões de toneladas usamos 55 milhões de hectares. Os movimentos sociais no Brasil já receberam 77 milhões de hectares. O Brasil ainda dispõe de 71 milhões de hectares para novas fronteiras. Exigir índices de produtividade em um país com toda essa disponi-

bilidade de terra é algo quase provocativo, além dos problemas que já temos, como a discussão de um novo modelo do crédito rural e o plantio da safra 2008/09 em condições técnicas muito aquém da expectativa para o Brasil. Teremos surpresas negativas na produção.

## Na questão da dívida agrícola ainda há pontos insolúveis. A situação se agravou com a crise econômica mundial?

O campo não tem renda, tem apresentado produção, mas não tem renda para resolver as dívidas que vem rolando. Vimos em processo que, ao rolar, diminuimos a capacidade de pagamento e a capacidade de tomar novos endividamentos. Vamos acumulando passivo que a todos os momentos vem sendo negociado e com diferenciais. Estamos olhando uma forma de sustar as altas indiscriminadas no custo de produção. Não temos dificuldades de produzir. Acessar crédito é importante, mas temos que ter renda para dilapidar o montante que estamos a girar no processo. Neste período que passou, há má qualidade de tecnologia aplicada, por falta de crédito rural no momento adequado. O Brasil Central está em fase de pré-falência. Se formos olhar a agricultura no Rio Grande do Sul, existe diversidade no acesso a crédito. Verba no banco existe, porém não existe distribuição do

crédito. Isso vai apresentar quadro de áreas produtivas e outras onde há falta de tecnologias e dúvidas para 2009.

## E há espaço para negociar a dívida?

Enquanto existir a dívida, há espaço. Há duas figuras, o devedor e o credor. O devedor é um produtor de alimentos, e o credor tem que lembrar que ele e a sociedade também comem. Não há negador de conta, existe homem dividido entre os papéis de renegociação da dívida e o rigoroso calendário agrícola. Por isso, o clima exige a continuidade das tratativas e negociações.

## Em várias oportunidades deste ano a Farsul esteve reunida com autoridades estaduais debatendo diferentes temas e um merecido destaque: a questão da segurança. Houve evolução?

Temos consciência que a falta de segurança existe na cidade e agrava-se no campo. Se analisarmos as propriedades no campo, com cerca de quatro, cinco fios, outras nem cerca tem, não encontramos mais presença maciça da família no campo. Os roubos continuam ocorrendo. O campo tem que se organizar e o produtor não pode ficar fora do processo. Tivemos resultados pontuais, como a delegacia especializada para o campo, em Bagé, de desmonte de quadrilhas que atuavam em Alegrete e São Gabriel. Estamos a trabalhar dando apoio e contribuindo para melhorar a segurança no campo. A segurança no campo melhorou. As redes de apoio que temos mantido e a comunicação entre as propriedades e com as autoridades nos auxiliava bastante. Queremos criar uma interface de comunicação mais ativa com as polícias. Temos espaço para contribuir nesse processo e insegurança é fator permanente no mundo.

## Como a Farsul trabalhará para adequar os custos em alta e preço das commodities em baixa?

Criamos a Casa Rural – Centro do Agronegócio, que



Sperotto fez balanço dos últimos 12 meses e projeções para o novo ano

atende a questão dos custos de produção. Está à disposição para produtores, mas não compra, não vende. Traz as oportunidades de negócio para nós encarmos custos de produção, um dos aspectos principais para resultados finais. O problema é que estamos na mão de muito poucos. Buscamos a otimização da internalização de matéria-prima. Não existe fábrica de adubo, existe unidade formuladora e misturadora. Oportunidade é internalizar produtos básicos. Estabelecer patamares de limite de aumento de preço de quem já está no mercado. A Casa Rural está no mercado viabilizando os negócios. Paralelamente, estamos pensando em esquema de armazenagem de núcleos de produtores para vender direto do produtor para o destino.

## Como o campo reagiu à crise financeira mundial?

A crise é para todos. Só que o campo já está acostumado à crise. A crise que aí vem nos pega com o lombo já soado, curtido. Este é o diferencial. Nossa tranquilidade é que temos governo que se elegeu com Fome Zero e se reelegeu com Bolsa Família. Nos dois programas, o elemento básico é o alimento. O mundo está a clamar por alimentos. Nos vemos como peça essencial no processo. A própria indústria diz que a salvação de 2009 será o campo. Vamos colher menos do que em 2008, mas somos otimistas como sempre.

## Quais as perspectivas de 2009?

Vamos à frente, vamos vencer e um conselho à sociedade, não desempregue, porque quem tem emprego tem condições de sobreviver e acreditamos que vamos passar o período não muito breve para recuperação e somos peça fundamental na recuperação. Mantenham o emprego que, assim, conseguiremos manter a roda da economia girando. Alimento não pode vir de outra origem. Temos a certeza que, no período de crise, a última economia será no alimento. Poderá haver migração. Ao invés de comer trigo, comer arroz. Teremos permanência no mercado. Estamos com o compromisso de produzir alimentos para o Brasil e o mundo. Vamos ter surpresas negativas em resultado da falta de fertilização em grandes áreas, em especial no Centro-Oeste do Brasil. Não quero ter o raciocínio daquele que amputou um braço só porque o outro amputou os dois. Acredito que temos condições de dar continuidade à atividade permanente, com otimismo.

## O endividamento diminuiu em 2009?

Dificilmente teremos queda no endividamento, porque temos um fator que não dorme, que são os juros. Crescimento da dívida em relação à nossa produção, dificilmente teremos corte representativo na dívida em 2008.



**Cachoeira do Sul**  
(51) 3722 - 2534

balanças  
**Cauduro**  
Ltda.

Tronco

www.balancascauduro.com